

Capítulo 1

O retorno do futebol-arte à seleção canarinho

“Telê era aquele treinador mais voltado para os coletivos, para os fundamentos. Muita repetição, muito chute a gol. Ele não parava o coletivo para corrigir. Ele acompanhava o coletivo andando de dentro do campo e te orientava com a bola em jogo. Os times do Telê ficavam muito bons em termos de conjunto por essa quantidade de coletivos. A gente vinha pra cá ficar com a seleção no Rio de Janeiro e fazíamos coletivos contra os juniores do Vasco, juniores do Flamengo, juniores do Botafogo. Íamos pra ‘Toca da Raposa’ (Centro de treinamento do Cruzeiro) e todo dia tinha coletivo à tarde, contra o América, Cruzeiro e Atlético Mineiro. Com isso você ia conhecendo o cara que você não joga durante o ano, e adquiria conjunto. E nosso time pegou um conjunto muito grande”, declara Zico.

Em 20 de fevereiro de 1977, o empate sem gols da seleção brasileira dirigida por Osvaldo Brandão contra a Colômbia, na partida de estreia das eliminatórias para a Copa de 1978, contribuiu para amplificar o momento conturbado que o técnico vivia fora das quatro linhas. Problemas de saúde no âmbito familiar e pressão da imprensa, principalmente a carioca. No voo de volta da seleção brasileira de Bogotá para o Rio de Janeiro, Brandão pediu demissão.

Naquele mesmo ano, Telê Santana chamou a atenção do país ao conseguir tirar o Grêmio de um longo jejum de títulos estaduais. Eram oito anos na fila para o deleite de seu maior rival. Finalmente, desbancando o Internacional, o todo-poderoso da época, Telê levou o tricolor gaúcho à conquista do título estadual daquele ano, contando com Éder Aleixo entre os seus principais jogadores. O campeão brasileiro de 1977 foi o São Paulo dirigido por Rubens Minelli, técnico que vinha de um bicampeonato nacional comandando o Inter de Porto Alegre, em 1975 e 1976.

Em 1978, enquanto o seu antecessor, Claudio Coutinho, autoproclamava-se “campeão moral”, após o terceiro lugar na polêmica Copa do Mundo da Argentina, Telê levava um renovado Grêmio até as quartas de final do campeonato Brasileiro, fase da competição em que acabou sendo eliminado pelo Vasco da Gama. O campeão brasileiro de 1978 foi o Guarani de Campinas, dirigido por Carlos Alberto Silva.

Em 1979, ainda sob a batuta de Claudio Coutinho, atuaram juntos pela primeira vez com a amarelinha, Falcão, Cerezo, Sócrates e Zico. No mínimo, duas dessas feras participaram de cada um dos 4 gols que o Brasil marcou no segundo tempo da goleada de 6 a 0 sobre o Paraguai, em amistoso no Maracanã. Movimentação intensa e qualificada entre as intermediárias, lances de pura genialidade, golaços, e vinte e uma chances de gol criadas contra apenas três do adversário. Toninho Cerezo começou a partida no banco, e Paulo César Carpegiani, outro cracaço de bola, iniciou a peleja como titular da meia-cancha, e capitão da equipe.

O quarteto que iria encantar o mundo três anos mais tarde, na Espanha, voltou a brilhar naquele mesmo ano nas vitórias sobre o Uruguai (5 a 1) e o Ajax (5 a 0), contando com Sócrates e Zico se alternando no comando do ataque. Mesma opção tática aplicada por Coutinho no massacre sobre o selecionado guarani.

Muitos não se deram conta, mas nascia ali a base da equipe que Telê escalaria no mundial da Espanha. Seis jogadores que participaram daquele amistoso contra a seleção do Paraguai em 1979, seriam titulares absolutos na Copa de 1982. Falcão, Cerezo, Sócrates, Zico, Júnior e Éder. Nove anos depois da conquista do tri no México, o futebol-arte, enfim, estava de volta à seleção brasileira.

Naquele mesmo ano, o treinador da moda foi novamente Telê Santana. Com um grupo jovem e desconhecido, Telê levou o Palmeiras à semifinal do Brasileiro de 1979, goleando por 4 a 1, na tarde do dia 09 de dezembro, diante de um Maracanã lotado, o Flamengo de Claudio Coutinho, que dividia suas atenções de técnico entre o rubro-negro carioca e a seleção canarinho. O Galinho entende que ali “foi a queda do Flamengo, do Coutinho e a chegada do Telê à seleção”. O campeão brasileiro de 1979 foi o Internacional de Porto Alegre, dirigido por Ênio Andrade, técnico que parou o Palmeiras de Telê em uma das semifinais.

Cerca de dois meses e meio antes, mais precisamente em 24 de setembro de 1979, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) dava lugar à CBF (Confederação Brasileira de Futebol). Porém, o Almirante Heleno Nunes seguiu no poder. De presidente da extinta CBD, Heleno Nunes passou então a comandar exclusivamente o futebol brasileiro como o primeiro presidente da CBF, cargo que ocupou até o dia 18 de janeiro de 1980, quando Giulite Coutinho tornou-se o segundo presidente da nova entidade.

Entre a eliminação do Brasil de Coutinho para os paraguaios na Copa América, em 31 de outubro de 1979, e o dia 12 de fevereiro de 1980, quando Telê aceitou em caráter oficial o convite de Giulite Coutinho para tornar-se o novo técnico da seleção brasileira, a CBF direcionou suas atenções para a seleção pré-olímpica. Entretanto, dirigido por Jaime Valente, ex-zagueiro do Flamengo e treinador nas divisões de base do rubro-negro carioca, o selecionado pré-olímpico canarinho não conseguiu se classificar para as Olimpíadas de Moscou.

Técnico permanente

Além de plena autonomia para montar como quisesse a sua comissão técnica e grupo de jogadores, o mestre Telê Santana não precisou dividir suas atenções entre a seleção e algum clube do país. Telê assumiu o comando técnico do escrete canarinho com status de primeiro treinador permanente da história do selecionado nacional. Condição exigida previamente por ele, pois, em sua opinião, daria mais consistência ao seu trabalho. Para o “Fio de esperança”, na medida em que o treinador da seleção passasse a acompanhar mais

de perto jogadores e técnicos de outras regiões do país, ele acabaria com o bairrismo no futebol brasileiro e diminuiria sua margem de erro nas convocações.

Para Zico, existem grandes vantagens em se trabalhar como técnico permanente de uma seleção:

“Eu acho que é importante, porque você tem condições de observar com mais isenção. Você vivendo ali o dia a dia, você instintivamente começa a observar mais o pessoal que está do seu lado e, às vezes, não tem condição de fazer o mesmo com o seu adversário. Você o observa como um adversário e não como um cara possível pra seleção. O cara está vendo o jogo de forma isenta, ele está ali observando os dois times. Então, eu acho importantíssimo se trabalhar de forma exclusiva para a seleção.”

Os escolhidos por Telê para compor o restante da comissão técnica foram: o ex-jogador e bicampeão mundial Vavá, como auxiliar técnico; Gilberto Tim e Moracy Santana, para a preparação física; Valdir de Moraes, o preparador de goleiros; e Neylor Lasmar, médico.

Em entrevista ao *Jornal do Brasil*, o treinador diagnosticou o futebol brasileiro como lento e destacou o que pretendia fazer para torná-lo mais dinâmico: “Temos que aumentar o ritmo das jogadas. Custamos muito a sair da defesa para o ataque. O futebol moderno exige maior movimentação e nós vamos ter que nos adaptar a ele. Considero isso um desafio (...)”*

A primeira convocação

No dia 30 de março de 1980, Telê revelou os nomes dos dezesete jogadores escolhidos por ele em sua primeira convocação como treinador da seleção canarinho. A expectativa no auditório do estádio Célio de Barros, no Complexo do Maracanã, foi imensa. Mais de cem repórteres estiveram presentes para acompanhar ao vivo o anúncio oficial da primeira lista de Telê. Os convocados foram: Goleiros – Carlos (Ponte Preta) e Raul (Flamengo); Laterais – Nelinho (Cruzeiro), Júnior (Flamengo) e Pedrinho (Palmeiras); Zagueiros – Amaral (Corinthians), Luisinho (Atlético-MG) e Rondinelli (Flamengo); Meio-campistas – Batista (Inter-RS), Cerezo (Atlético-MG), Zico (Flamengo), Sócrates (Corinthians) e Falcão

(Inter-RS); e os atacantes – Tarciso (Grêmio), Reinaldo (Atlético-MG), Zé Sérgio (São Paulo) e Joãozinho (Cruzeiro).

Quem não se lembra, no saudoso programa de TV *Viva o Gordo* (1981-1987), do personagem Zé da Galera, interpretado por Jô Soares, cujo famoso bordão era o “bota ponta Telê!”? Telê Santana se dizia contra a improvisação na equipe nacional, entretanto, a ponta direita seria o seu grande calcanhar de Aquiles. Constatou o técnico da seleção brasileira: “Sei das carências (...), de preferência, não se deve improvisar numa seleção. Temos jogadores de todo o País para escolher. Isso nem sempre ocorre nos clubes, quando há necessidade de improvisar alguém numa posição (...) a ponta-direita é realmente a posição mais carente, não há jogadores se destacando.”*

O atacante Tarciso, primeiro titular da ponta direita no início da Era Telê Santana na seleção brasileira, começou a carreira como centroavante. Foi naquele Grêmio treinado por Telê em 1977 que Tarciso passou a jogar como ponteiro, pois o treinador o convenceu de que ele poderia render melhor pela beirada do campo, aproveitando-se da sua boa velocidade. Porém, no decorrer do seu trabalho à frente da seleção canarinho, Telê passou a optar no lado direito pelo chamado “falso ponta”. Meio-campistas de origem que atuavam a partir das beiradas do gramado, mas buscando a movimentação entre as intermediárias, como, por exemplo, Tita e Paulo Isidoro. Já do outro lado do campo, Telê alternou a titularidade entre Zé Sérgio, um típico ponta, veloz e driblador, e Éder Aleixo, muito mais um meia, apesar de carregar o rótulo de ponteiro. Telê apostou em uma concepção moderna de futebol, na qual o importante não era a posição de origem do jogador, e sim a ocupação dos espaços de maneira inteligente.

* Aspas extraídas da obra *Fio de Esperança – Biografia de Telê Santana*, do jornalista André Ribeiro.